

Pesquisadora: Leila Santos de Santana

Atividade 1. Narrativa livre

O **documentário *Freenet*** nos convidou a conhecer cotidianos, em contextos socioeconômicos e culturais distintos, a partir dos quais, através das imagens compartilhadas, sons e narrativas, foi possível perceber como a desigualdade está presente e se reproduz no que se refere ao acesso e uso da internet.

No trecho especificado (00:09 min. ao 00:16 min.), vemos nos grandes centros, habitualmente, as pessoas que usufruem ou podem usufruir, de certas ‘facilidades’, como a internet. É possível identificar a desigualdade como na narrativa da Veronice, empregada doméstica, faxineira que cria sozinha suas filhas e afirma que “[...] a divisão é uma divisão social entre as classes, [...] próximo e ao mesmo tempo tão distantes. [...] aqui os ricos e lá embaixo os pobres[...]”. Na imagem abaixo podemos perceber a proximidade das duas áreas citadas, como Paraisópolis faz parte do Morumbi sendo impossível ver um apartado do outro.

Figura 1: Próximos, mas socialmente distantes (Print de cenas do documentário.)



Fonte: <https://youtu.be/TSomRix04fQ>. Acesso em abril. 2021.

Também conseguimos observar as táticas utilizadas pelas praticantes para atenderem as demandas sociotécnicas, pois como disse a Patrícia, “[...] hoje tem que ser tudo pelo computador.” Percebemos, ao escutarmos o barulho dos cotidianos, como a tecnologia, a internet está incorporada, facilitando, ampliando nossos ‘braços, pernas e olhar’, gerando nas praticantes a necessidade de dividirem o valor de um pacote de serviços de internet/telefonia por ser uma forma

de impactar menos o orçamento familiar, pois como narrado pela Veronice, “[...] para pegar a internet da pessoa você tem que comprar o seu cabo”. E dessa forma ela segue narrando as diferenças entre o serviço e tratamento oferecidos aos que moram numa área mais e menos privilegiada do mesmo bairro, no caso Morumbi e Paraisópolis – SP, e que culmina numa condição precária de acesso.

Através das imagens, do que não foi dito, mas um olhar atento percebe pelo esgoto a céu aberto, fiações expostas, casas sem emboço... A desigualdade no acesso acompanha a econômica e social, pois no Brasil a internet é tratada numa perspectiva mercantil. De modo geral, somos obrigados a obter produtos que não precisamos (combos de telefonia), viver uma relação que favorece ao interesse econômico e não ao social, porque “[...] querendo ou não querendo você tem que ter tecnologia na sua casa.” (praticante Patrícia)

Constatamos essa tecnologia observando a cena retratada na imagem abaixo (Figura 2) com a tv, o microondas, os jogos eletrônicos e nas tentativas de acesso por diferentes meios inclusive com o acesso pelo modem.

Figura 2: Tecnologia presente nos cotidianos (Print de cenas do documentário.)



Fonte: <https://youtu.be/TSomRix04fQ>. Acesso em abril. 2021.

A praticante Patrícia, também encaminha a percepção da prevalência do econômico sobre o social, quando cita que no seu entendimento o acesso à internet deveria ser gratuito, pois “Deveria ser um direito do cidadão. Já se paga tantos impostos”. Ela diz ainda que “Não é que a gente que ser rico, o mundo está levando a gente a caminhar com ele”. Nesse ponto, com tantas questões levantadas, começo a pensar na importância do acesso a uma internet de qualidade e gratuita

no espaço físico escolar. Como ele pode potencializar a promoção de atos de currículo e por conseguinte, um processo formacional mais rico, ampliando as possibilidades, especialmente considerando a importância das interações sociais.

Ao mesmo tempo, penso sobre esse processo formacional, no contexto do distanciamento físico ocasionado pela pandemia causada pelo coronavírus, e reflito sobre como a desigualdade social, econômica e tecnológica foi determinante para enfatizar, ainda mais, as exclusões e, infelizmente, impossibilitar/precarizar a continuidade do processo para muito alunos, principalmente matriculados nas instituições públicas, sem desconsiderar as dificuldades docentes.

Mas impossível não comentar as estruturas familiares, na qual vimos mulheres com narrativas fortes e determinadas, criando seus filhos sozinhas e com poucos recursos, o protagonismo dessas narrativas. A Veronice e Patrícia se posicionaram criticamente a respeito das questões suscitadas, com uma fala de quem luta para ter e oferecer aos filhos oportunidades e acesso à internet, na medida que na percepção da praticante Patrícia “[...] no bairro de gente rica a internet funciona. Pobre é mais esquecido. [...] A gente não tem direito a essas coisas. Entendeu?”.

A narrativa desenha o sentimento de que olha para o alto e enxerga a parede das diferenças erguidas de forma imponente representadas pelos modernos edifícios vistos em meio as paredes cruas de tijolo, como na imagem 3.

Figura 3: Tecnologia presente nos cotidianos (Print de cenas do documentário.)



Fonte: <https://youtu.be/TSomRix04fQ>. Acesso em abril. 2021.

Essas percepções, fazendo a relação com outras inquietações, têm me levado discutir e buscar outras formas de oportunizar o acesso às informações, compartilhamento crítico e trocas de experiências, para os processos formacionais

significativos que propiciem autorias, coautorias, o desenvolvimento de diferentes letramentos e uso de múltiplas linguagens.

O documentário, as narrativas das praticantes, denunciam a exclusão da qual a comunidade de Paraisópolis é vítima pela não oferta do serviço de internet, pela falta de saneamento básico e outros direitos sociais que pens sobre a importância das interações sociais, ensejam estigmas podem ser determinantes para o insucesso, a urgência na mudança das políticas públicas que priorize o social e não o lado mercantil, para que operar a inclusão social.

Como Alves afirma em diferentes momentos, as ausências são conhecidas. Precisamos buscar soluções. Refletir sobre as limitações impostas, mas crendo que podem ser transpostas, pois em meio a essas ausências podemos buscar outras e novas alternativas.